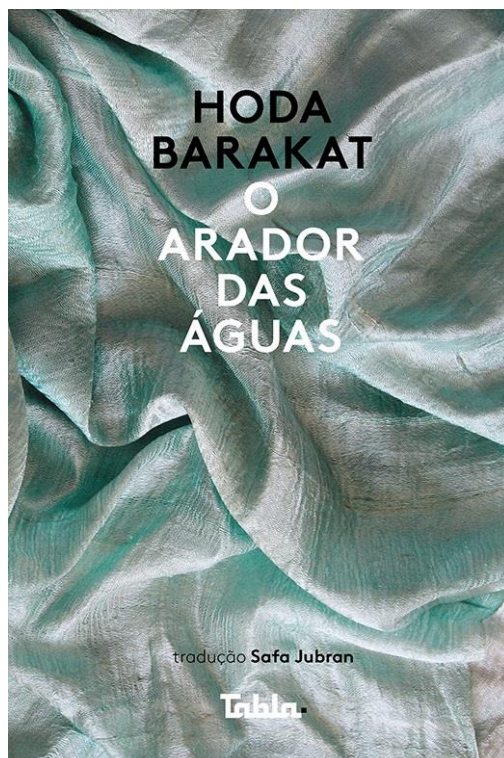


SAFA JUBRAN TRADUZ HODA BARAKAT

por Maria Carolina Gonçalves



A editora Tabla publicou em 2021 *O arador das águas* (حارث المياه), da libanesa Hoda Barakat (1952-), em tradução de Safa Jubran. É a segunda tradução de uma obra da autora que passa a fazer parte do catálogo da editora, após a publicação de *Correio Noturno* (بريد الليل), em 2020.

O arador das águas vem integrar uma série de livros traduzidos diretamente do árabe para o português que a Tabla tem publicado, incluindo prosa, poesia e literatura infantil. A editora faz uma rica contribuição ao disponibilizar esse conjunto de obras para o público leitor brasileiro, que, no geral, dificilmente teria acesso à literatura árabe não fossem as traduções.

Vale ressaltar a relevância da tradução da obra de Hoda Barakat, considerada pela crítica especializada uma das escritoras árabes contemporâneas mais proeminentes. Sua escrita se destaca pela inovação estética, pela elaboração de um discurso narrativo único

e por sua participação fundamental no desenvolvimento do romance no Líbano¹. Além disso, a importância da publicação da literatura árabe de autoria feminina em português se deve ao fato de que, apesar da notável produção literária das escritoras dos países árabes nas últimas décadas, suas obras ainda carecem de estudos e traduções. Dessa forma, a editora leva ao público autoras que até então eram praticamente desconhecidas no Brasil.

E a tradutora Safa Jubran tem feito sua parte no sentido de enriquecer a literatura traduzida e publicada no país, dedicando-se à tradução de obras de diversos países árabes para o português nas últimas décadas, além de traduzir obras da língua portuguesa para o árabe. A tradutora teve seu trabalho reconhecido por meio de prêmios como o “Sheikh Hamad Award for Translation and International Understanding”, recebido em 2019.

Em *O arador das águas*, Safa Jubran apresenta uma tradução cuidadosa e atenta às especificidades temáticas e estilísticas do romance. O texto em português permite ao público brasileiro percorrer de forma vívida as ruas de uma Beirute destruída pela Guerra Civil Libanesa (1975-1990). O conflito, seus desdobramentos, o trauma e as marcas deixadas após os longos anos de guerra estão presentes em grande número de obras enquanto tema principal ou como plano de fundo.

No livro de Hoda Barakat, Niquila, personagem principal, anda pela cidade em ruínas. Conforme vai descrevendo o trajeto, caminhamos com ele por lugares como a Catedral de Mar-Jirjis, o Sûq-Sursuq, o Café Parisiana, o Cemitério Samatiye, a Mesquita de Mansur Assaf, o Cinema Biblos, a Sahet-Annijme... Ao optar por preservar esses estrangeirismos, conforme nota à tradução, Safa Jubran acompanha o texto em árabe, no qual as localidades são praticamente personagens. Essa escolha permite também que o público leitor tenha uma ideia das multiplicidades presentes na capital libanesa. As descrições do roteiro da personagem e de alguns locais específicos possibilitam formular uma imagem dessa Beirute que não existe mais, como afirma a própria autora.

Nessa caminhada pelas ruas da cidade, é interessante notar no texto em português a transliteração *sûq* (سوق). O termo consta em dicionários bilíngues como “mercado”,

¹ AL-ID, Yumna. Lebanon. In: ASHOUR, Radwa; GHAZOU, Ferial J.; REDA-MEKDASHI, Hasna (ed.). *Arab women writers: a critical reference guide, 1873-1999*. Tradução de Mandy McClure. Cairo: The American University in Cairo Press, 2007, p. 33.

“centro comercial”, “feira”, entre outros. No entanto, o *sûq* dos países árabes não é exatamente como os estabelecimentos comerciais encontrados no Brasil. Compram-se desde alimentos até peças de vestuário no *sûq*, mas tampouco seria possível equipará-lo a uma feira ou a um “mercadão” no contexto brasileiro. Dessa forma, a tradutora acerta ao manter essa palavra árabe transliterada em todo o livro, pois, afinal, como traduzir um *sûq*?

Quando a personagem deixa de reconhecer a cidade devido à destruição, passa a atribuir novos nomes aos lugares, como a Praça dos Cães, a qual foi traduzida (e não transliterada) para o português. Essa escolha soa adequada na leitura, uma vez que se trata de uma espécie de reformulação do mapa de Beirute, reimaginado por Niqula.

Além das localidades, são mencionados no romance fatos históricos, conflitos religiosos e diversas outras questões relacionadas ao contexto político do país e à sua diversidade étnica. Nas histórias transmitidas do avô ao pai e deste para Niqula, são elencados acontecimentos como terremotos e guerras, que marcam os “ciclos” da cidade de Beirute, a qual “só recupera a sua vitalidade após passar por alguma destruição colossal e uma morte maciça” e, em função disso, seu solo seria “composto de sucessivas camadas das vidas que passaram”². Essas especificidades trazem uma série de questionamentos durante o processo de tradução e o texto apresentado em português mostra ser fruto de longas reflexões.

Os tecidos assumem um papel essencial ao longo das páginas, muitas vezes dominando por completo a narrativa. Mais que meros “panos”, eles revelam a passagem da infância à adolescência e também marcam as histórias dos povos, que, no decorrer dos séculos, foram aprendendo novas técnicas e se especializando. É detalhada a fabricação de alguns tecidos, que aparecem também em metáforas e comparações em todo o livro. Algodão, cetim, viscose, náilon, poliéster, renda, *at/az*, voal, entre muitos outros: a lista é extensa e certamente exigiu da tradutora inúmeras pesquisas.

Do linho, usado desde tempos mais remotos, até a sedução provocada pela seda, considerada fascinante e ao mesmo tempo perigosa, as tramas dos tecidos vão se entrelaçando com a história do Líbano, de Niqula e de sua família. “A era do Diolen”, tecido que se popularizou em Beirute, é referida pelo pai da personagem como “era da

² BARAKAT, Hoda. *O arador das águas*. Tradução de Safa Jubran. Rio de Janeiro: Tabla, 2021, p. 49.

decadência” e marca o fim de sua geração, o fim de uma época. A tradução de Safa Jubran evidencia no texto em português essas múltiplas camadas de histórias e tecidos que compõem a narrativa de Hoda Barakat.

Diversas culturas figuram no romance, como a jovem curda Chamsa e o professor armênio de canto Kevork, o que reflete a realidade plural do Líbano e apresenta outros tantos desafios à tradução. Nas histórias de Chamsa sobre sua família e seu povo, por exemplo, constam vários estrangeirismos com os quais a tradução precisou trabalhar. O próprio nome Chamsa gera uma dificuldade à tradução, pois é derivado de *chams* (شمس), “Sol” em árabe, o que é evidente para falantes desse idioma, mas não na leitura em língua portuguesa. Além disso, vale lembrar que a palavra “Sol” é feminina em árabe, porém masculina em português, tornando a tradução ainda mais difícil. A tradutora optou por manter a sonoridade do nome Chamsa e o sentido do nome é explicado no trecho em que ela é comparada ao Sol. O mesmo se dá no que se refere ao cachorro Thalj, que demanda uma explicação para que o público leitor entenda que se trata da palavra árabe para “neve”, *thalj* (ثلج). A escolha da tradutora ao transliterar e não adaptar os nomes não apaga, e sim realça as particularidades do romance.

Também são dignos de nota os estrangeirismos relacionados à alimentação, como a *chawarma*, já popular em algumas partes do Brasil, mas também exemplos que talvez sejam menos conhecidos do público leitor, como o “*snuhar* misturado com as raspadinhas de gelo”, “*jallab*, o refresco de tâmaras”³ e o doce *sfuf*. Ao manter esses termos transliterados em vez de adaptá-los, a tradução traz os sabores locais do Líbano para o público brasileiro.

A tradutora atentou às figuras de linguagem presentes no texto e as reproduziu de forma criativa. Um exemplo são os termos “arte” e o verbo que pode ser traduzido como “aniquilar alguém” ou “consumir alguém”, expressando a irritação de uma das personagens em diálogo sobre a arte ao receber uma crítica sobre sua “mentalidade antiquada”. As palavras empregadas no texto árabe têm sonoridade semelhante e não seria possível traduzir esse recurso literalmente. Assim, a tradutora optou pelo par “artista” e “arteiro” em “artista é o diabo arteiro que te carregue!”⁴, solução que mantém

³ BARAKAT, 2021, p. 43.

⁴ Ibid., p. 31.

a repetição de fonemas e também o insulto, e ainda preserva a oralidade presente em árabe.

O texto em árabe, embora mantenha o registro formal, apresenta diversas marcas de oralidade ao longo da narrativa. A tradução acompanha atentamente essas variações da linguagem e reproduz a oralidade na tradução para o português em expressões como “já era” e “não deu em nada”.

Apesar de ser escrito de acordo com o árabe moderno padrão, existem algumas marcas dialetais no livro. Um exemplo é *mazika* (مزیکا), uso comum nos dialetos em referência à música, que é encontrada no dicionário formal como *musiqā* (موسيقى). No trecho em questão, uma das personagens usa aquela palavra de forma depreciativa, desculpando-se e corrigindo logo em seguida pelo uso desta. A solução habilidosa encontrada pela tradutora foi a opção por “musiquinhas” e “música”: a primeira remete ao tom de desprezo a partir do diminutivo e a segunda se refere à música enquanto arte e objeto de estudo, traduzindo, assim, a oposição que se dá no diálogo em árabe.

Outros trechos contêm uma linguagem que se aproxima da poética. Um exemplo é “meu coração, que garoava fininho, se espalhando feito farinha [...]”⁵. Além de manter a imagem presente no texto, que traz o “coração” e o verbo “chover”, a tradutora levou em consideração a presença de sonoridades semelhantes que formam rimas em árabe. Esse recurso foi preservado no texto em português pelos termos “fininho” e “farinha”.

A palavra “guerra” ocorre em algumas páginas do livro ao lado de explosões, fogo e bombardeios. O que predomina, contudo, não é a menção direta ao conflito, mas sim um ambiente que oscila entre sonho e pesadelo e vai se desenhando ao longo das páginas. A personagem principal por vezes emite ruídos selvagens e se comporta como os animais, e outras vezes se sente febril e não tem certeza de estar ouvindo vozes e ruídos reais ou imaginários.

A tradutora soube reproduzir com maestria a atmosfera de *O arador das águas*, marcada pelos absurdos da guerra e pela linha tênue que separa a consciência e a loucura, a realidade e a ilusão, o estranhamento e a alucinação, enquanto as personagens vão tecendo suas histórias.

⁵ BARAKAT, 2021, p. 104.

Hoda Barakat. *O arador das águas*. Trad. Safa Jubran. Rio de Janeiro: Tabla, 2021. 240 p.

Maria Carolina Gonçalves é doutoranda e mestra pelo Programa Letras Estrangeiras e Tradução (PPG-LETRA) da Universidade de São Paulo (USP) e bacharela em Letras (Árabe) e em Jornalismo pela mesma universidade. É tradutora literária, revisora e professora de árabe e português. Traduziu do árabe os livros infantis *Yunis* (2021) e *Uma história inventada do começo ao fim* (2021) pela editora Tabla.